

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA
NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA USP

PROGRAMAÇÃO E CADERNO DE RESUMOS

2021

USP

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

FFLCH

Diretora: Prof. Dr. Paulo Martins

Vice-Reitor: Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

Departamento de Filosofia

Chefe: Prof. Dr. Oliver Tolle

Vice-chefe: Prof. Dr. Luiz Sérgio Repa

Coordenação de Pesquisa

Prof. Dr. Evan Robert Keeling

Prof. Dr. Marco Aurélio Werle

Programa PET Filosofia

Coordenação: Prof. Dr. Maurício Cardoso Keinert

Comissão organizadora:

Agatha Victoria Cavallari Souza

Bruno Orbelander Erbella

Elivelton Leonel da Silva

Gustavo Gomes Barbosa

Júlia Bessada Rodrigues

Leonardo Rodrigues Silvério

Lucas André Marques Pereira

Luiza Garcia Lúcio

Maria Luiza Lima Seabra

Natália Galvão Azevedo Silva

Thais Vasconcelos Rodrigues

Vinícius Ferraço Nassif Lisboa Caval

Vitória Augusta Barreto Coelho

Departamento de Filosofia

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 Cidade Universitária | São Paulo | SP | Brasil

filosofia.fflch.usp.br

filosofo@usp.br .

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), à Superintendência de Assistência Social (SAS) e ao Serviço de Artes Gráficas, que propiciaram condições materiais para a realização do evento. Agradecemos, também, aos professores e estudantes que aceitaram participar e colaborar com o evento. Não podemos deixar de mencionar o auxílio das funcionárias e dos funcionários de nosso Departamento, sem os quais o evento não poderia acontecer.

HISTÓRICO DO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA USP

No ano de 2021, o Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP comemora sua 23ª edição. Nascido do Programa de Iniciação Científica do Departamento de Filosofia da USP (implementado em 1995), rapidamente tornou-se um evento nacional.

Durante todos esses anos, manteve suas principais características: organizado e dirigido por estudantes, livre de pretensões burocráticas, aberto às mais diversas perspectivas de trabalho filosófico e servindo de ponto de encontro para os representantes de uma mesma geração acadêmica. Um evento simultaneamente produtivo e agradável que reúne gente que gosta de discutir Filosofia.

Que continue sempre assim!

Comissão Organizadora

CONFERÊNCIAS

O tema do Encontro deste ano é “A filosofia e a sua história”. As professoras e os professores terão suas falas relacionadas ao tema e às suas trajetórias acadêmicas.

SEGUNDA-FEIRA - Filosofia Africana - 05/04 – 18h30

Sala: <https://meet.google.com/ajz-cevf-qwf>

TERÇA-FEIRA - Filosofia Moderna - 06/04 – 18h30

Sala: meet.google.com/szx-skhw-htp

QUINTA-FEIRA - Antiga e Medieval - 08/04 – 18h30

Sala: <https://meet.google.com/kps-egix-xnv?hs=122&authuser=0>

TERÇA-FEIRA - Lógica e Filosofia da Linguagem - 13/04 – 18h30

Sala:

QUINTA-FEIRA - Filosofia Contemporânea - 15/04 – 18h30

Sala:

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

05/04/2021

MESA 1 – Filosofia Antiga I (10:00 - 12:00)
sala: <https://meet.google.com/szy-rzyw-rjm>

Coordenador: Mariane Oliveira

PAULO GERMANO MARMORATO (USP)

Orientação: Evan Keeling

E-mail: pgmarmorato@yahoo.com.br

DOR, MEDO E CORAGEM NA ÉTICA NICOMAUQUÉIA

Na *Ética Nicomaquéia* Aristóteles concebe a coragem como uma virtude de caráter, cultivada através de um complexo equilíbrio entre duas paixões, o medo e a confiança. Afirma o Estagirita que “se as virtudes dizem respeito a ações e paixões, e cada ação e paixão é acompanhada de prazer ou de dor, também por este motivo a virtude se relacionará com prazeres e dores”. Dentre as paixões envolvidas na coragem, o medo tem papel preponderante, pois é suscitado por situações em que existe risco de dor, e é o seu enfrentamento que a caracteriza. Ainda assim, o corajoso sente satisfação neste ato, mesmo que no limite ele incorra na sua morte. Os determinantes desta satisfação devem ser esclarecidos. Este estudo procura examinar como as paixões se relacionam com a dor e o prazer naquela que acreditamos ser a mais exigente das virtudes.

Palavras-chave: Virtudes; Coragem; Paixões; Aristóteles; Ética.

VITOR CÉSAR BENTES DA COSTA FERREIRA (UFAM)

Orientação: Nelson Matos de Noronha

Financiamento: FAPEAM

E-mail: vitorvaldez127@gmail.com.br

GOVERNOS DA CIDADE E DA ALMA: FUNDAMENTOS DA ÉTICA PLATÔNICA NA REPÚBLICA

Partindo de pesquisa exploratória, objetivamos identificar como a ética platônica se anuncia na cidade justa; e clarificar o modo como virtude e vício são protagonizados na alma da República. Assim, no debate socrático, os guardas da cidade justa, moderados e temperantes, têm como máxima o bem da cidade como um todo. Ocorre que, mediante as virtudes, vai-se do governo da cidade para o governo da alma, apontando a harmonia nesta e naquela, com relações de domínio e subordinação, em que diferenças trabalham juntas e fazem com que a vida virtuosa seja assimilada à saúde, à beleza e ao bem-estar, e o viver vicioso, à doença, à feiura e à debilidade. Com isso, a ética na República defende a transcendência, na procura pelo bem maior. A felicidade própria depende das relações com o outro e enseja o envolvimento entre opostos, na integridade entre partes e o todo, quer na cidade, quer na alma.

Palavras-chave: Doutrina platônica; Ética; Virtude.

VITÓRIA ALEXANDRA SILVA DA SILVA (UFPA)

Orientação: Jovelina Maria Ramos de Souza

Financiamento: PROPESP

E-mail: vialex.ufpa@gmail.com

MAGIA, METAMORFOSE E PERSUASÃO: A TRANSGRESSÃO RETÓRICA DE MEDÉIA

É inquestionável a habilidade retórica de Medeia, seja em ludibriar Creonte ao lhe pedir mais um dia para ser enviada ao exílio, seja por dissuadir Jasão a pedir a revisão do edito de seus filhos. É por essa via que seus planos incendiários e sanguinolentos são postos em prática para ferir a Jasão por abandonar os seus. A personagem Euripidiana é apresentada com traços que encantam, não apenas por meio da magia, mas também pela palavra, o que a põe, portanto, no espaço do mundo antigo que narra desmedidas das personagens femininas, dentre as quais se pode destacar, Electra, Lisístrata e Clitemnestra. Suas ações marcadas pela intensa oralidade e estratégias insidiosas. É acerca da posição de Medeia como mulher, estrangeira e feiticeira, que se pretende discutir no presente artigo, atribuindo tal habilidade como duplo de sua barbaridade.

Palavras-chave: Dissimulação; Oralidade; Persuasão.

MESA 2 – Filosofia Moderna e Natureza (10:00 - 12:00)

sala:

Coordenador: Beatriz Laporta

BRUNO OBERLANDER ERBELLA (USP)

Orientação: Pedro Paulo Garrido Pimenta

Financiamento: FNDE

E-mail: brunoerbella@hotmail.com

O LUGAR TRANSCENDENTAL DO ORGANISMO

O projeto se centra no conceito de organismo da terceira crítica de Kant. Para encontrar uma interpretação unitária e coerente deste objeto, mobiliza-se tanto a gama de comentários sobre este tema em Kant quanto textos de historiografia intelectual da História Natural/Biologia concernente ao período de atividade do filósofo. O caminho escolhido para nossa investigação parte da compreensão da antinomia da máxima teleológica, núcleo de nosso texto principal, segundo a topologia geral da resolução das antinomias kantianas. Isto nos orienta para resolução de dois problemas principais: “como funciona a linguagem analógica que serve de registro para as discussões kantianas do organismo e como ela se diferencia do esquematismo do entendimento da Crítica da razão pura?”; “como o texto kantiano enriquece, e é enriquecido por, determinados conceitos em debate na História Natural de sua época?”

Palavras-chave: Kant; Organismo; História Natural; Crítica da Faculdade de Julgar.

DANIELLY LIMA DOS SANTOS (UNESP)

Orientação: Ana Maria Portich

Financiamento: FAPESP

E-mail: danielly.santos@unesp.br

DIDEROT E A NOÇÃO DE SISTEMA

Elisabeth de Fontenay compara Diderot a um rio. Maria das Graças de Souza escreve que sim, Diderot pode ser como um rio, mas há no movimento das águas desse rio uma corrente que perpassa toda a sua obra. Esta é o materialismo diderotiano. Os textos de Diderot podem ser tomados como um sistema cujo axioma é o materialismo. Contudo, Diderot apresenta a tese materialista por meio de diversos gêneros de escrita, o que confere a sua obra um caráter móvel, instável, semelhante à própria natureza. Parece, então, que Diderot recusa

qualquer noção de sistema. Entretanto, os gêneros de escrita empregados por ele foram a maneira que ele encontrou de afastar-se do espírito de sistema, mesmo não abandonando o espírito sistemático. Nesta exposição objetivamos indicar a noção de sistema que Diderot utilizou para elaborar sua obra.

Palavras-chave: Diderot; Materialismo; Sistema; Iluminismo.

GABRIEL VON PRATA LAZARO (UNESP)

Orientação: Ricardo Monteagudo

Financiamento: FAPESP

E-mail: von.prata@unesp.br

ENTRE ROUSSEAU E CONDILLAC: UMA ANÁLISE SOBRE A RAZÃO DOS ANIMAIS

O presente trabalho tem por objetivo analisar a razão dos animais a partir dos escritos de Rousseau e Condillac. Esta análise pretende, sobretudo, diferenciar os seres humanos dos outros animais. Haja vista que Rousseau é devedor da filosofia de Condillac, mas seus respectivos objetivos são diferentes. Assim, o presente artigo busca evidenciar, sobre este determinado tema, as diferenças e semelhanças entre os autores. Metodologicamente, o presente artigo baseia-se, principalmente, na análise do *Discurso sobre a desigualdade* de Rousseau, bem como na análise do *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos* de Condillac. (Agradeço à FAPESP [Protocolo - 2020/04674-0] pelo financiamento da pesquisa).

Palavras-chave: Rousseau; Condillac; Razão dos animais.

MESA 3 – Ética e Filosofia Política (10:00 - 12:00)

sala: <https://meet.google.com/tur-jjhr-rvf>

Coordenador: Jéssica Omena

ANA FLÁVIA ROSSI (UEL)

Orientação: Charles Feldhaus

E-mail: anaflaviarossi2@gmail.com

IMUNIDADE CIVIL E ISENÇÃO DE EMERGÊNCIA SUPREMA

Na obra *O Direito dos Povos*, John Rawls traz como estritamente necessária a distinção entre líderes, funcionários, soldados e população civil nos chamados Estados fora da lei, vez que, em se tratando de uma sociedade não bem-ordenada, os membros civis não podem ser responsabilizados pela guerra, iniciada e organizada pelos líderes estatais. Assim é que aos civis se confere um status de imunidade, impedindo que sejam atacados diretamente no contexto bélico; todavia, tal limite imposto às condutas adotadas durante a guerra pode ser ultrapassado nas situações de isenção de emergência suprema, em que a posição estrita dos civis pode ser colocada de lado diante da certeza de que a ação trará, certamente, um ganho substancial ao conflito, como, por exemplo, seu término. Como exemplo, o autor traz a questão dos bombardeiros britânicos às cidades alemãs de Hamburgo e Berlim, entre 1940 e 1942.

Palavras-chave: Filosofia Política; John Rawls; Imunidade Civil; Isenção de Emergência Suprema.

DANIELA RIGOTTO CARNEIRO (UEL)

Orientação: Andrea Faggion

E-mail: rigottodaniela@gmail.com

O PROBLEMA DA OBRIGAÇÃO JURÍDICA EM H. L. A. HART

O filósofo analítico inglês H. L. A. Hart (1907-1992), um dos mais importantes autores da história da teoria geral do direito, teve como um dos principais objetivos de sua obra o desenvolvimento de um conceito de obrigação jurídica que não fosse reducionista como julgava ser o dos pioneiros da teoria imperativa do direito Jeremy Bentham (1748-1832) e John Austin (1790-1859). Por outro lado, Hart também pretendia que seu conceito de obrigação jurídica fosse consistente com um projeto positivista de compreensão do direito, evitando a fusão da obrigação jurídica com a obrigação moral, o que seria típico de um projeto filosófico jusnaturalista. Diante disso, este trabalho pretende demonstrar como Hart desenvolve esse conceito e o quão feliz ele foi em sua empreitada. Para isso, recorreu-se ao estudo de obras do próprio Hart, de Joseph Raz (1939-) e de Matthew Kramer (1959-).

Palavras-chave: Direito; Positivismo; Obrigação jurídica.

DEIVER VINÍCIUS DE MELO (UFSJ)

Orientação: Rogério Antonio Picoli

Financiamento: FNDE

E-mail: deiver.melo@hotmail.com

REALISMO MORAL SEM METAFÍSICA

É possível defender um realismo moral que não acarrete implicações metafísicas indesejáveis? Este é a pergunta normalmente direcionada a qualquer realista, baseada especialmente na objeção formulada por John Mackie do argumento da estranheza. Segundo este, se juízos morais são irreduzíveis e, conseqüentemente, têm existência própria, isso implicaria a existência de entidades que não condizem com a visão científica de mundo, além de trazer um problema sobre como alguém poderia conhecer tais entidades. Nesse sentido, Thomas Scanlon tenta responder a essa objeção com a noção de fundamentalismo de razões, isto é, a ideia de que razões para a ação são irreduzíveis e que não há qualquer questão metafísica complicadora neste caso. Partindo da ideia de razões como justificativa perante outros e de uma visão contratualista, perguntamos se Scanlon tem sucesso em sua defesa realista.

Palavras-chave: Metaética; Realismo; Razões; Scanlon; Mackie.

RAONY MAURILIO SALVADOR ALVES (UFMG)

Orientação: Eduardo Soares Neves Silva

Financiamento: FNDE

E-mail: raonymsalves@gmail.com

ESFERA PÚBLICA E DEMOCRACIA DELIBERATIVA

Considerada a importância do conceito de esfera pública para a teoria social e crítica, junto ao amplo escopo em que se dá a emergência da modernidade em relação a um novo público de pessoas privadas que discutem mediante razões, a presente comunicação busca apresentar o problema da legitimidade a partir da categoria de esfera pública na obra do filósofo alemão Jürgen Habermas. Desse modo, no contexto de uma diferenciação crescente das esferas de valores nas sociedades pós-tradicionais e do conflito permanente entre as diferentes concepções de vida boa, objetiva-se abordar o problema da integração social na relação que se forja entre sociedade civil e Estado à luz da categoria de esfera pública e, em seguida, sua importância para compressão do modelo de democracia deliberativa de corte discursivo.

Palavras-chave: Esfera pública; Modernidade; Legitimidade; Democracia.

MESA 4 – Estética Contemporânea (10:00 - 12:00)

sala: <https://meet.google.com/tmb-fdct-mdn>

Coordenador: Giulia Schlipper Tessitore

JÚLIA FERREIRA REIS (UNESP)

Orientação: Pedro Geraldo Aparecido Novelli

E-mail: julabandeira@hotmail.com

***A IMPORTÂNCIA DA FORMA DO ENSAIO PARA A ELABORAÇÃO DA
LEBENSPHILOSOPHIE DO JOVEM LUKÁCS EM A ALMA E AS FORMAS***

Em 1910, Georg Lukács finalizava os trabalhos da obra *A alma e as formas* e se perguntava se os textos que ele fizera, abordando a problemática da relação entre forma e vida na modernidade, poderiam de algum modo constituir uma unidade, já que, embora contenham as mesmas preocupações e problemáticas, seus ensaios não continham necessariamente teses seqüenciais e, portanto, sua unidade não estava precisamente ligada apenas ao que ele defendia nos textos em relação a essas questões, mas à forma que ele utilizara na sua elaboração: a forma do ensaio. Para o jovem Lukács, o ensaio é uma forma que é feita a partir de um experimento que o autor tem de si mesmo, nesse sentido esse trabalho busca compreender qual o papel e a importância dessa concepção da forma do ensaio na construção da *Lebensphilosophie* (Filosofia da vida) do jovem Lukács.

Palavras-chave: Jovem Lukács; Modernidade; Lebensphilosophie; Forma; Vida.

RODRIGO MORTARA ALMEIDA (USP)

Orientação: Ricardo Fabbrini

Financiamento: CNPQ

E-mail: romortara@usp.br

OS PROBLEMAS DA FORMAÇÃO EM 'O ADOLESCENTE' DE DOSTOIEVSKI

O romance *O Adolescente* (1875) de Dostoiévski, por vezes considerado o *Bildungsroman* de sua obra, narra em primeira pessoa a estadia do jovem Arkadi Dolgoruki em S. Petesburgo, que retorna à casa dos pais depois de finalizar seus estudos.

Arkadi chega à cidade com um objetivo claro – tornar-se um Rotschild; e, para isso, propõe-se a seguir à risca o método que desenvolveu, um conjunto de preceitos que compõem uma filosofia do dinheiro.

Em nossa apresentação, tentaremos compreender como o conflito central do romance – o choque entre essa filosofia do dinheiro e a sociedade russa do final do XIX – se liga com as inovações formais dos romances Dostoievskianos e faz com que *O Adolescente* ocupe um lugar único entre os romances de “formação” e “desilusão” do XIX; sem esquecer, também, de situá-lo entre os debates dos populistas russos que ecoam na obra e com os quais ela dialoga diretamente.

Palavras-chave: Formação, Dostoievski, Literatura, Rússia.

WESLEY FERNANDO RODRIGUES DE SOUSA (UFSJ)

Orientação: Fábio de Barros Silva

E-mail: wesleysousa666@outlook.com

A “PARTICULARIDADE” COMO CATEGORIA ESTÉTICA EM GYÖRGY LUKÁCS

O intento do breve artigo ancora-se nos escritos de György Lukács, em especial, em sua obra de maturidade, levando à discussão da categoria da particularidade na esfera estética. O ponto central é demonstrar de que maneira o nexos categorial do filósofo é contributivo, não apenas como substrato teórico construído dentro do campo da estética, mas sobretudo como reflexão a práxis humana artística frente à vida cotidiana dos seres humanos. Essa argumentação, em suma, permite explorar a hipótese de uma “estética marxista”, a qual desde antes de sua *Estética* o autor procurou justificar.

Palavras-chave: Lukács; Estética; literatura; particularidade; realismo.

07/04/2021

MESA 5 – Filosofia Antiga e Medieval (10:00 - 12:00)
sala: <https://meet.google.com/udg-zcpu-xhx?hs=122&authuser=0>

Coordenador: Júlia Rodrigues Molinari

ANA PAULA DE JESUS CARVALHO (UFBA)

Orientação: Gislene Vale dos Santos

Financiamento: CAPES

E-mail: anapaulacarvalho090@gmail.com

POR UMA ANÁLISE DAS ANALOGIAS PRESENTES NA DIALÉTICA DO “TEETETO”.

A arte dialética foi concebida por Platão como o método próprio da investigação filosófica. Um método capaz de auxiliar a alma a refletir a partir de critérios entre as vias das múltiplas opiniões, com o objetivo de atingir uma verdade que mostre suas causas. O objetivo desta pesquisa, a partir de tal contexto, é entender em que medida as analogias são recursos para o desenvolvimento do método dialético no *Teeteto*. Para isso, nos servimos da análise de alguns trechos específicos do referido diálogo que tem por questão central a pergunta pelo conhecimento (*ἐπιστήμη*). Na busca de atingir a finalidade proposta é importante compreender o uso que a personagem Sócrates faz das analogias, mais especificamente das analogias que mobilizam o pensamento por meio das imagens sensíveis. Assim, sendo a analogia um recurso da dialética, cabe a nós, compreender este “analogizar” platônico.

Palavras-chave: Dialética; analogia; Verdade; Conhecimento; Platão.

BRUNO FONTANA NISHIYAMA BERNARDES FERREIRA (USP)

Orientação: Roberto Bolzani Filho

E-mail: n.fontanabruno@usp.br

PLATÃO E O MITO

O tema da pesquisa é a função do discurso mitológico na filosofia de Platão. Dito de outro modo, em quase todos os diálogos platônicos, e sobretudo nos de intenso teor metafísico, são narrados mitos, histórias de deuses, de mundos e entes sobrenaturais. Fato que por si mesmo já chama muita atenção, pois torna evidente a discrepância entre o discurso filosófico, que por meio da razão dialética busca a real essência de tudo, e a narração que, ao menos à primeira vista, se apoia mais em uma crença místico-supersticiosa do que em qualquer outra coisa. Por isso, ao buscar entender a maneira pela qual um mito pode vir a ser filosófico também, o que se tem em vista com a apresentação da pesquisa é justamente desvelar as intenções que tinha Platão ao misturar essas duas formas de expressão tão distintas e sua inter-relação.

Palavras-chave: Platão; Mitologia; Metafísica; Diálogos.

JOÃO GABRIEL HAIK ELID NASCIMENTO (UNESP)

Orientação: Andrey Ivanov

Financiamento: CNPQ

E-mail: gabrielelid@hotmail.com

O VOCABULÁRIO DO SER NO DE ENTE ET ESSENTIA DE TOMÁS DE AQUINO

É notória a evolução histórica e a fertilidade semântica do processo de latinização e de cristianização da metafísica grega, deixando um legado para a filosofia e a civilização do ocidente. Para tanto, como chave de interpretação deste progresso conceitual, elegeu-se estudar o vocabulário do ser no opúsculo *De ente et essentia* de Tomás de Aquino, particularmente a determinação dos termos *esse*, *essentia* e *ens* (ser, essência e ente) nos capítulos I-IV e VI, que abordam respectivamente a essência nas substâncias compostas (c. II), nos universais (c. III), nas substâncias separadas (c. IV), e nos acidentes (c. VI). Dessa maneira, o resultado da presente pesquisa terá mostrado a atual importância para vislumbrar em que medida o pensamento de Tomás inaugura rupturas e continuidades em relação ao pensamento que une a antiguidade ao medievo.

Palavras-chave: Esse; Ens; Essentia; Metafísica; Tomás de Aquino (1225-1274).

MESA 6 – Hannah Arendt (10:00 - 12:00)
sala: <https://meet.google.com/tbn-yaxb-yuc?hs=224>

Coordenador: Luana G. C. Fúncia

GUSTAVO BEMVENUTO DA SILVA PEREIRA (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

Financiamento: UFSJ

E-mail: gbemvenuto@gmail.com

A INTERPRETAÇÃO ARENDTIANA DO SER

O presente trabalho tem por objetivo buscar um entendimento acerca do Ser na concepção da pensadora alemã Hannah Arendt. Para tanto, faremos uma investigação de suas obras, tais como *A vida do Espírito* (2000) e *The Human Condition* (1998), nas quais a autora parte de uma análise das características básicas do Ser e empreende uma investigação sobre este no âmbito político, que perpassa o período clássico e vai até a modernidade. Tal análise nos fornece elementos para a interpretação do Ser arendtiano. Trata-se de um Ser fenomênico, isto é, que aparece na esfera pública, que se dá na pluralidade da vida política e se expressa por meio da ação e do discurso.

Palavras-chave: Ação; Discurso; Esfera pública; Ser.

MARIANE REZENDE CARDOSO (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

Financiamento: FNDE

E-mail: marianerezendec@outlook.com

A DISTINÇÃO ENTRE PENSAR E CONHECER EM HANNAH ARENDT

Nosso propósito é demonstrar a diferenciação acerca dos conceitos em torno do pensar e conhecer em Hannah Arendt. Por essa razão, toma-se como ponto de partida o julgamento de Eichmann, em Jerusalém, o qual foi réu por ter conduzido deportações de judeus para os campos de concentração e extermínio. Em decorrência, Arendt começa a questionar a maneira de agir do réu, haja vista a ciência de seus comportamentos monstruosos, apesar de, aparentemente, ser uma pessoa comum. Isso posto, a autora propõe uma série de indagações acerca do bem e do mal e se ambos estão interligados com a faculdade do pensar. Assim, Arendt parte do princípio de que a ausência de pensamento não tem uma ligação com a ignorância, mas sim com a incapacidade de reflexão sobre os próprios atos.

Palavras-chave: Conhecer, Pensar, Razão.

MATHEUS CAMPANELLO DA SILVA (USP)

Orientação: Silvana de Souza Ramos

E-mail: matheuscampanello@gmail.com

AÇÃO EM HANNAH ARENDT: A PROMESSA DO NOVO

Hannah Arendt, em *A Condição Humana*, ao propor a tarefa pensar “o que estamos fazendo” faz uma investigação da *Vita Activa* e de suas atividades: trabalho, obra e ação. Definida a partir da condição humana da pluralidade, a ação é a atividade que inaugura uma novidade e possibilita a interferência nas leis gerais de comportamento. É da natureza do início começar algo novo e inédito, esse caráter de impresciência inaugura duas características da ação: a sua imprevisibilidade e a sua irreversibilidade. Como alternativas a essas características, Arendt examina as faculdades humanas de perdão e de promessa para encarar a fragilidade da ação humana e estabilizar um espaço aos recém-chegados em um mundo onde foi possível a experiência do totalitarismo e o enfraquecimento do significado da política.

Palavras-chave: Hannah Arendt; ação; pluralidade; promessa; perdão.

MESA 7 – Lógica (10:00 - 12:00)
sala:

Coordenador: Daniel Nagase

ARTHUR HENRIQUE SOARES DOS SANTOS (UFPA)

Orientação: Luís Eduardo Ramos de Souza

E-mail: santosarthursoares@gmail.com

A OBJEÇÃO DE QUINE À TEORIA DA ANALITICIDADE DE KANT

Este trabalho visa analisar a objeção de Quine à teoria da analiticidade de Kant. Tal teoria, apresentada na *Crítica da razão pura*, é composta por três importantes elementos: a contenção dos termos, a identidade entre eles e o princípio de contradição. Quine, contudo, em *Dois Dogmas do Empirismo*, afirma que Kant

pensava um enunciado analítico como verdadeiro em virtude do significado e independente dos fatos. Assim, Quine argumenta que um método de sinonímia para definir os significados analíticos sofre de circularidade, considerando a analiticidade como um pseudoconceito. Dessa forma, dialogando com a bibliografia citada dos autores e com a interpretação semântica de Hanna (2004) e Loparic (2005), defender-se-á que a crítica de Quine à analiticidade não se aplica às noções kantianas, mas que isso não significa que a teoria de Kant da analiticidade seja livre de problemas.

Palavras-chave: Analiticidade; Significado; Kant; Quine.

DAVI JOSÉ PAIVA DE OLIVEIRA (UFRN)

Orientação: Daniel Durante Pereira Alves

Financiamento: FNDE

E-mail: davi20fast@gmail.com

DE FENÔMENO PARA CONCEITO: A "VIRADA MENTAL" EM WITTGENSTEIN

Por anos, a filosofia foi vitimada por diversos contrassensos produtos do caráter metafísico de sua condução. Assim, se via completamente incapaz de lidar com diversas problemáticas para explicar indeterminações conceituais que surgiam de conceitos como o de mente. Foi, no entanto, somente com a obra do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein que a subjugação metafísica da linguagem foi denunciada. É tomando como base uma metodologia analítica - guiada pela busca do sentido e significado das palavras em seu contexto de uso - que Wittgenstein irá apresentar diversos problemas filosóficos intrigantes a respeito da mente, que guiarão uma revolução conceitual na maneira que tratamos as investigações sobre a mente. Sendo assim, traçarei uma exposição histórica da visão internalista de mente até Wittgenstein. Tentarei também estabelecer uma conexão com outras escolas contemporâneas ao autor.

Palavras-chave: Mente; Jogos de Linguagem; Linguagem Privada; Internalismo; Ficção Gramatical.

NATAN APARECIDO DA CUNHA ESBRAVILHERI (UNESP)

Orientação: Lucio Lourenço Prado

Financiamento: FAPESP

E-mail: natanesbravilheri123@gmail.com

ASPECTOS COMPLEMENTARES ENTRE “OS FUNDAMENTOS DA ARITMÉTICA” E “SOBRE O SENTIDO E A REFERÊNCIA”

A seguinte apresentação, tem como objetivo explicitar alguns aspectos complementares entre o arcabouço ontológico desenvolvido por Gottlob Frege em sua obra: Os Fundamentos da Aritmética. Conjuntamente, da contraparte semântica desenvolvida por Frege no artigo: Sobre o Sentido e a Referência. O primeiro texto, trabalha os desenvolvimentos relacionados ao conceito de número e a fundamentação da aritmética que resulta nas bases do Logicismo, sendo assim, temos um conceito de número calcado em bases lógicas e na objetividade. Na outra via, correspondente ao artigo de 92, temos o desenvolvimento de uma discussão semântica que culmina no conceito de Terceiro Reino, a saber, um reino da objetividade que está livre do campo empírico e da influência do âmbito psicológico. Por fim, a partir da objetividade do Terceiro Reino teríamos um complemento semântico das teses ontológicas.

Palavras-chave: Frege; Ontologia; Semântica; Aritmética.

PALOMA DE SOUZA XAVIER (UFPE)

Orientação: Marcos Silva

Financiamento: CNPq

E-mail: palomasouzaxavier@gmail.com

CONTRA A INEFABILIDADE DAS HINGES PROPOSITIONS: UMA LEITURA NEOPRAGMATISTA

O presente trabalho pretende argumentar contra a inefabilidade das *hinge propositions*. Este é um conceito abordado por Wittgenstein em Sobre a Certeza (1969). A intérprete que defende a tese da inefabilidade das *hinges* é Moyal-Sharrock. Para ela, as *hinges* não podem ser ditas, pois, caso isso ocorra, o jogo de linguagem se solidificaria. Ora, se de fato forem indizíveis, como proceder num desacordo entre *hinges* distintas e rivais? Dessa forma, essa tese parece inadequada pois inviabilizaria possíveis correções necessárias em ambiente de conflito. E para tanto, a presente exposição pretende mostrar que o método socrático proposto por Robert Brandom presente em *Articulando Razões* (2000) pode ajudar a resolver o impasse desses tipos de desacordos, pois seria uma maneira de explicitar as *hinge propositions*, colocando-as no interior do jogo de dar e receber razões.

Palavras-chave: Neopragmatismo; Wittgenstein; Certeza; Brandom; Inefabilidade.

09/04

MESA 8 – Filosofia da Educação (10:00 - 12:00)

sala:: <https://meet.google.com/gfc-hghz-skk>

Coordenador: Mateus Castilha

FELIPE DE SOUZA FERREIRA (USP)

Orientação: Eduardo Brandão

E-mail: feripe.ferreira@usp.br

A QUEM ZARATUSTRA PROCURA: FRIER GEISTER ENTRE O GÊNIO E O PAPAGAIO

Meu trabalho ainda está em desenvolvimento, porém ele trata majoritariamente sobre os ensinamentos e também as nuances da procura de ZARATUSTRA sobre seus caminhos. Também sobre algumas estradas da qual Nietzsche trilhou e estava disposto a procurar um tipo de humano que provavelmente é demais demasiado humano. Em meu trabalho procurarei expor fraquezas da educação contemporânea e limites das expressões da nossa atual linguagem que também tem suas fraquezas. Dialogar sobre a existência de pessoas geniosas e pessoas que são denominadas gênios, demonstrando a distância entre estes e os repetidores, os papagaios, tão úteis hoje a nosso sistema educacional e linguístico. Para assim, elevar o que Zaratustra mais procurava, os homens superiores, os homens que procuram ser livres, os que procuram a si mesmos.

Palavras-chave: Filosofia; educação; linguagem; liberdade; espíritos.

JOSÉ WILLON GIRARD DE MATOS (UEPA)

Orientação: Wladirson Ronny da Silva Cardoso

E-mail: willongerard002@gmail.com

OS IMPACTOS SÓCIO-EDUCACIONAIS DO TRABALHO INFANTIL RIBEIRINHO NA COLHEITA DO AÇAÍ

O Pará é o maior produtor de açaí do mundo, responsável por 95% da produção nacional do fruto, isto, historicamente, é consolidado de geração em geração pela cultura ribeirinha - incluindo a região do Marajó. Assim, propomos, neste artigo, uma investigação que objetiva compreender os impactos socioeducacionais do trabalho-infantil no processo extrativista do açaí, no município de São Sebastião da Boa Vista, ante a procura crescente pelo mesmo e sua inserção em mercados de grande porte. A pesquisa se pautou no materialismo histórico-dialético, com procedimento de revisão bibliográfica e metodológica, lançando mão de pesquisa etnográfica, considerando a construção histórica da concepção de infância e índices quantitativos sobre a educação local. Constatou-se que o trabalho-infantil, além de expor os indivíduos a privações e situações perigosas, prejudica o desenvolvimento social da região.

Palavras-chave: Educação Ribeirinha; Trabalho Infantil; Açaí.

JONATHAN BRAZ DE SOUZA (UNESP)

Orientação: Rodrigo Peloso Gelamo

E-mail: jonathan07101996@gmail.com

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL

O seguinte trabalho tem por objetivo permear a história do ensino de Filosofia no Brasil. De certa forma, o ensino de filosofia no Brasil não é tratado de maneira filosófica, mas captada por departamentos de educação e, principalmente, abordado de maneira metodológica. O movimento de visualizar o ensino de Filosofia como um problema filosófico é recente se comparado a história da Filosofia. A partir de uma perspectiva histórica, o trabalho tem como cerne contribuir para uma maior elucidação da importância dessa área e prover argumentos em sua defesa. Apesar da generalização do trabalho, este se concentrará no período anterior ao golpe de 64, as políticas educacionais da ditadura, com foco na disciplina de filosofia, e, posteriormente, no movimento pelo retorno da filosofia no Ensino Médio.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino; Brasil.

MESA 9 – Filosofia da Ciência (10:00 - 12:00) sala:

Coordenador: Diana Taschetto

HEDER DA SILVA ALMEIDA (UNESP)

Orientação: Macos Antonio Alves

Financiamento: FAPESP

E-mail: hs.almeida@unesp.br

O PROBLEMA DA NATUREZA DOS QUALIA E SUA RELAÇÃO COM OS SISTEMAS BIOLÓGICOS

Thomas Nagel, em *The View from Nowhere*, investiga questões referentes ao problema da relação mente-corpo, à natureza dos processos mentais e suas relações com a ação, dentre outras. Nagel desenvolve uma crítica às perspectivas fisicalistas buscando mostrar que elas, ao oferecer hipóteses explicativas dos estados mentais, não abarcam os aspectos subjetivos, característicos das propriedades mentais, irreduzíveis ao físico. A subjetividade não pode ser reduzida à linguagem descritiva objetiva de uma abordagem fisicalista. Atualmente, nas discussões em filosofia da mente, os elementos subjetivos associados às sensações e outros estados mentais são denominados pelo termo qualia. Procuramos apresentar um diálogo entre pensadores críticos e adeptos da existência dos qualia. Visamos elaborar um debate referente à natureza dos qualia e sua relação com os sistemas biológicos.

Palavras-chave: Filosofia da Mente; Thomas Nagel; Qualia; Fisicalismo.

IAN ALAKUNLE DO PRADO PURVES (USP)

Orientação: Pedro Paulo Garrido Pimenta

E-mail: 10765962@usp.br

A HISTORICIDADE VITAL DO SABER POSITIVO EM GEORGES

O presente trabalho visa investigar, no pensamento de Georges Canguilhem, a relação entre o estatuto histórico do saber positivo e a produção destes como acontecimentos históricos e discursivos. Para tal fim, dispomos uma reconstituição de seu modo de conceber a normatividade vital, que opera uma topologia do fenômeno da vida, bem como nos dá a ver o tipo de articulação empreendida pelo filósofo entre os saberes da fisiologia, da patologia e da biologia, junto de uma reflexão filosófica de cunho epistemológico. O percurso visa também expor a estratégia de Canguilhem para conceber uma ciência positiva que ao mesmo tempo permite um afastamento e uma crítica do positivismo, corrente filosófica dominante na produção científica da primeira metade do século XX, época inicial de seu trabalho reflexivo.

Palavras-chave: Normatividade vital ; Epistemologia histórica ; Canguilhem.

LUANA DE AZEVEDO MACEDO DANTAS (UFRN)

Orientação: Cinara Maria Leite Nahra

E-mail: luanadeazevedo13@gmail.com

COLAPSO MORAL: A FORMAÇÃO DE CONDUTAS DE RISCO NO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DESALINHADA

Com os avanços tecnológicos na área da inteligência artificial (AI), o ser humano chega a um evoluído estágio das suas descobertas, entretanto essa conquista acompanha consequências nem sempre positivas, fazendo com que muitos pesquisadores, como o filósofo Nick Bostrom, enxerguem a AI enquanto um dos possíveis riscos existenciais do século XXI. Defende-se, neste trabalho, que essa tecnologia só configura-se como um risco existencial, quando seu uso está desalinhado de valores eticamente fundamentados. Dessa forma, na presente pesquisa, busca-se abordar o fenômeno que dá origem à inteligência artificial desalinhada: o colapso moral. Tal concepção é entendida, aqui, como o processo de destruição da civilização e a volta ao Estado de natureza descrito por Hobbes, no qual, por meio do egoísmo generalizado e do individualismo extremo, prevalece a guerra de todos contra todos.

Palavras-chave: Riscos existenciais; Inteligência artificial; Colapso moral.

RENAN DIAS OLIVEIRA (USP)

Orientação: Osvaldo Frota Pessoa Jr.

Financiamento: CNPq

E-mail: renandoliveira@yahoo.com.br

AS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS E CULTURAIS DA FÍSICA QUÂNTICA

A física quântica tem mexido profundamente com os alicerces da Física, da ciência em geral, da cultura e da Filosofia desde o primeiro quartel do século XX. Destarte as inúmeras aplicações tecnológicas da teoria quântica, as controvérsias em torno de seus fundamentos permanecem vivas. Hoje é possível compreender melhor essa área da Física justamente em decorrência dessas controvérsias, e também das diversas pesquisas científicas que ela alimentou ao longo das últimas décadas. Este trabalho investigou a controvérsia científica em torno do “teorema de Bell” em relação ao princípio de “não localidade”, e o relacionou a suas implicações filosóficas, sociais e culturais, que são também, em uma via de mão dupla, seus condicionantes. Procuramos analisar em que medida o teorema de Bell permite explicações que sustentam o fenômeno social misticismo quântico, bem como os físicos aí envolvidos.

Palavras-chave: Teoria quântica; Teorema de Bell; Controvérsia; Não localidade; Misticismo quântico não localidade.

MESA 10 – Estética Alemã (10:00 - 12:00)

sala: meet.google.com/cib-ozdc-gri

Coordenador: Robson Carvalho dos Santos

ICARO GONÇALEZ FERREIRA (USP)

Orientação: Marco Aurélio Werle

E-mail: icaro.fgoncalez@gmail.com

A GRANDE CONFISSÃO DE GOETHE: ENTRE POESIA DO CORAÇÃO E PROSA DO MUNDO

Almejamos fornecer uma interpretação para a imagem confessional da poesia de Goethe [1749-1832], elaborada em sua autobiografia *De minha vida: Poesia e verdade* [1811-1833]. Nessa passagem, o poeta alemão descreve pela primeira vez na obra seu procedimento poético, de tal modo que suas criações literárias aparecem como “fragmentos de uma grande confissão”. Nossa aposta é que a forma confessional assumida pelo procedimento poético de Goethe emerge como um acordo factível em condições adversas, o que verificaremos através da reconstituição do lugar de sua emergência no interior do processo formativo narrado em *Poesia e Verdade*. A pertinência dessa sugestão, por fim, revela-se em sua capacidade de jogar luz sobre as relações tensionadas que essa imagem confessional guarda com o panorama mais amplo da compreensão goethiana dos fenômenos artísticos.

Palavras-chave: Estética; Poesia; Subjetividade.

LAURA GALVÃO (UFSCar)

Orientação: Luís Fernandes dos Santos Nascimento

E-mail: laura.galv17@gmail.com

HISTÓRIA OU NARRATIVA DE LAOCOONTE: DISTINÇÕES E APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE O ARBITRÁRIO, O NATURAL E O FACTUAL NO EXERCÍCIO CRÍTICO DE LESSING.

Gottold Ephraim Lessing com seu livro "Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia", ao comentar tais fronteiras, toma como exemplo um objeto artístico: Laocoonte e seus filhos representa uma inquietação histórica. Seja do ponto de vista da poesia, em que vários poetas ressignificam a narrativa do sacerdote troiano, ou da escultura que gerou discussões em torno de sua origem e também da própria expressão de dor facial. Trataremos aqui das considerações de Lessing em relação à expressão do sacerdote na poesia e na escultura e, desse modo, compreender a distinção entre história, onde há o comprometimento com a verdade, e narrativa em que a coerência interna e as emoções serão os fatores mais importantes da obra, segundo Lessing. Desse modo, queremos mostrar como o autor, através de suas observações, contribui para a corrente filosófica que busca investigar o objeto artístico.

Palavras-chave: Narrativa; história; figuração; poesia.

LEONARDO RODRIGUES SILVÉRIO (USP)

Orientação: Ricardo Nascimento Fabbrini

E-mail: lsilverio@usp.br

MITO E CULPA NA LEITURA DE WALTER BENJAMIN SOBRE "AS AFINIDADES ELETIVAS"

O presente estudo tem como objetivo, apresentar o romance de J.W. Goethe, "As afinidades eletivas" (1809), através da explicação dos conceitos de "mito" e "culpa" presentes, principalmente, no ensaio de Walter Benjamin, "As afinidades eletivas de Goethe" (1924-5). No segundo momento, farei a exposição dos conceitos de "destino" e "direito", também presentes no ensaio de Benjamin, para complementar a passagem da esfera do comentário para a esfera crítica realizada pelo autor. No terceiro momento, como conclusão, demonstrarei como a dimensão crítica do ensaio indica uma reflexão sobre a época do autor no período do entreguerras e também nos oferece recursos suficientes para que possamos refletir criticamente sobre nossa contemporaneidade por meio dos conceitos de "mito", "culpa", "destino" e "direito" que se encontram no plano de fundo da filosofia da história de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Mito e culpa; Destino e direito; Progresso

RENATO COSTA LEANDRO (UNIFESP)

Orientação: Arlenice Almeida da Silva

E-mail: renatocleandro@outlook.com

SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE NO WILHELM MEISTER DE GOETHE

Sabe-se que “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister” [Wilhelm Meisters Lehrjahre] representa um paradigma na literatura moderna ocidental, principalmente por ser o representante definitivo daquilo que conhecemos por romance de formação [Bildungsroman], porém tal constatação não contempla a complexa e vasta significação filosófica da obra. Partindo desse diagnóstico e à luz de outros textos de Goethe, bem como de uma circunscrita fortuna crítica, analisaremos alguns dos movimentos reflexivos e narrativos empreendidos por Goethe na história de Meister, sobretudo as relações entre subjetividade e objetividade, assim como as discussões sobre destino e acaso, a fim de oferecer ao debate filosófico mais uma possível chave interpretativa deste romance tido por muitos como enigmático e, nas palavras de Schiller, “incompreensível como a natureza”.

Palavras-chave: Goethe; Meister; Subjetividade; Objetividade; Bildung.

12/04/2021

**MESA 11 – Filosofia e Psicanálise (10:00 - 12:00)
sala:**

Coordenador: Simone Bernardete Fernandes

PEDRO OLIVIERI FONSECA (UEL)

Orientação: Eder Soares Santos

Financiamento: Fundação Araucária

E-mail: pedro.olivieri@uel.br

***A PSICOTERAPIA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-
EXISTENCIALISTA: A FENOMENOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGINAÇÃO
EM GASTON BACHELARD***

Adota-se como objeto de estudos para o desenvolvimento da pesquisa deste subprojeto, a abordagem da fenomenologia enquanto um método, tal qual possibilite a aproximação e o embasamento fundamental para com o centro de investigações e produções de conhecimento da psicologia. Isto é, o presente subprojeto se debruça na abordagem da psicoterapia a partir da perspectiva da fenomenologia-existencialista, mais especificamente do método fenomenológico tratado e profundamente enriquecido pelo pensador Gaston Bachelard, em seus dois períodos de produção intelectual, um direcionado ao conhecimento objetivo e científico, e outro direcionado ao conhecimento das imagens nos processos do imaginário, também dentro relação de produção de conhecimento, mas que agora está interessado em investigar sobre as características fundantes dos seres humanos num sentido mais abrangente, peculiar e idiossincrático.

Palavras-chave: Bachelard; Imaginário; Fenomenologia; Psicoterapia.

SAMIA SOUEN TORTORELLA (UNICAMP)

Orientação: Daniel Omar Perez

Financiamento: FAPESP

E-mail: samiasouen@gmail.com

O ESTRANHO NA TRAMA CONCEITUAL DA PSICANÁLISE

Nesta exposição, abordarei a discussão fundamental desenvolvida em minha pesquisa de Iniciação Científica (a qual teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/12033-7) acerca do texto "O Estranho", publicado por Freud em 1919. A partir da leitura que faço desse texto, entendo haver uma dificuldade entre a definição do conceito de estranho, elaborada pensando-se a noção de retorno do recaiado, e alguns outros conceitos psicanalíticos aos quais também associamos o retorno do recaiado. Enxergando essa dificuldade e tentando ao máximo reduzi-la, busco retrabalhar a relação entre estranho e retorno do recaiado – mobilizando outro texto de Freud: "O Homem Moisés e a Religião Monoteísta".

Palavras-chave: Freud; Estranho; *Unheimliche*; Psicanálise.

MESA 12 – Primeira Modernidade (10:00 - 12:00)

sala: <https://meet.google.com/ppr-gikc-uzs?hs=224>

Coordenador: Eugênio Mattioli Gonçalves

GIULIA BERTOLI MIRAGLIA (USP)

Orientação: Luis César Guimarães Oliva

Financiamento: CNPq

E-mail: giuliabmiraglia@gmail.com

OS SENTIDOS DA LIBERDADE CARTESIANA

O presente trabalho teve por objetivo investigar o papel, função e problemas implicados no conceito de liberdade na obra de René Descartes (1596 - 1650), mais especificamente daqueles presentes nas *Meditações Metafísicas* e *Princípios de Filosofia*. Visou-se comparar ambas as obras a fim de investigar se há diferenças significativas entre as duas formulações e, se sim, quais as implicações e motivos destas mudanças. As obras de Descartes foram lidas e analisadas a partir do paradigma tradicional do departamento de filosofia da USP, a saber, a leitura estrutural, sem no entanto ignorar as circunstâncias históricas tanto das obras quanto do autor. Além da análise da bibliografia central, também buscou-se fontes secundárias de autores tradicionais como Geneviève Rodis-Lewis, Étienne Gilson, Guérault e Gouhier, mas também autores contemporâneos, como Janowski, Kremer e Ragland.

Palavras-chave: Descartes; Filosofia Moderna; Liberdade.

LUÍSA NUNES DE OLIVEIRA BAFFI (USP)

Orientação: Marilena Chaui

Financiamento: CNPQ

E-mail: luisansol@usp.br

UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A "MOLDURA" DO TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO DE ESPINOSA

A obra de Baruch Espinosa aqui abordada, o Tratado Teológico Político, tem sua estrutura dividida por alguns comentadores em três partes. A análise sobre a qual nos debruçaremos tem como objeto principal o prefácio e o capítulo XX desta obra, buscando abarcar algumas correlações entre sua introdução e sua conclusão. A partir de uma breve exposição destes dois momentos, discorreremos sobre a forma que a liberdade política é tratada em cada um. Assim, entre a proposição do prefácio e a conclusão se intercala o percurso que permite passar de um momento ao outro, de tal modo que o núcleo está emoldurado pela proposta – no prefácio – e pela conclusão – no capítulo XX. Dessa forma, comprovamos que, essas conclusões, e esta estrutura argumentativa como um todo, só podem ser compreendidas quando estabelecida e explicitada a correlação entre estes dois momentos da obra, aparentemente opostos.

Palavras-chave: Espinosa; TTP; Prefácio; Conclusão.

VINICIUS APARECIDO DUARTE MARTINS (UEL)

Orientação: Aguinaldo Antonio

Financiamento: PIBIC

E-mail: vinius.duarte@uel.br

A RECUSA DA PREPARAÇÃO DA MORTE EM MONTAIGNE

Esse presente artigo terá como pergunta principal: qual a maneira recomendada por Michel de Montaigne para lidar com a morte? A fundamentação para a minha resposta se baseará na sua principal e única obra: os Ensaios. Focarei no ensaio Filosofar é aprender a morrer, podendo usar outros ensaios como apoio. Farei uma contextualização do papel da morte na sabedoria em Montaigne a partir do estudo do Villey, usando do texto Os “Ensaios” de Montaigne. Buscarei apresentar como a meditação estóica era a meta moral no início do ensaio e de como ela mudará para, no fim do próprio ensaio, a despreocupação total para com os preparativos da morte. Assim, retorno à questão dada no início desse resumo respondendo de que a verdadeira

sabedoria sobre a morte é aquela onde não há preparação. “Feliz a morte que não deixa tempo para que se preparem tais acompanhamentos” (E I, 20, p. 142).

Palavras-chave: Sabedoria ; Estoicismo ; Morte ; Montaigne.

**MESA 13 – Filosofia Contemporânea I (10:00 - 12:00)
sala:**

Coordenador: Israel Milhomem

MANOEL CARDEAL DA COSTA NETO (UEL)

Orientação: Eder Soares Santos

Financiamento: FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA

E-mail: manoel.ccostan@uel.br

***O SER-PARA-A-MORTE DE HEIDEGGER CONFRONTADO PELA
DIALÉTICA DA MORTE DE TANABE: UM POSSÍVEL PONTO DE
CONVERGÊNCIA ENTRE AMBOS***

A morte é um assunto recorrente em toda história da filosofia, quando Sócrates diz que a filosofia é uma preparação para a morte, ou quando Schopenhauer expressa que a morte é a própria musa da filosofia. Sendo assim, o objeto deste trabalho se trata da temática da morte dentro da filosofia de Heidegger e de suas possíveis influências e similaridades em relação ao pensamento oriental, o qual tratarei especificamente sobre Hajime Tanabe, um membro da Escola de Kyoto e de suas influências budistas. Como objetivo final, pretende-se alcançar um maior esclarecimento filosófico sobre o tema e seus autores, se utilizando de ambas as filosofias, ocidental e oriental, indicando diferenças e semelhanças.

Palavras-chave: Morte; Heidegger; Tanabe.

TÉO PULITI SERSON (USP)

Orientação: Marco Aurélio Werle

E-mail: teoperson@usp.br

INTERPRETAÇÃO DE HEIDEGGER DO INÍCIO DA FILOSOFIA NA PASSAGEM DA ALÉTHEIA PARA A IDÉA

A pesquisa que apresentarei neste encontro se debruça sobre a interpretação de Heidegger do início da filosofia. Mais especificamente, a pesquisa aborda textos de Heidegger que pensam o início da metafísica na passagem do dito pensamento pré-socrático para Platão, buscando compreender como, segundo Heidegger, Platão ao mesmo tempo pressupõe a articulação ontológica dos pensadores pré-socráticos e rompe com ela. Essa ruptura, (enquanto o movimento que marca o início da filosofia) é pensada por Heidegger como uma decisão sobre a essência da verdade. Para compreender esse movimento, optei por reconstruí-lo a partir de textos de Heidegger que interpretam separadamente Heráclito ("Logos: fragmento 50") e Platão ("A Doutrina Platônica da Verdade"), em conjunto com o texto "O Que é Isto - a Filosofia?" que aborda a passagem propriamente dita entre esses dois momentos distintos.

Palavras-chave: História da Filosofia; Ontologia; Verdade.

MESA 14 – Idealismo alemão (10:00 - 12:00) sala:

Coordenador: Fabiana Del Mastro

ARTUR RIBEIRO DE MENDONÇA CARDOSO (UFMG)

Orientação: Giorgia Cecchinato

E-mail: artur.rmcardoso@hotmail.com

A QUESTÃO DO MÉTODO ENTRE HEGEL E ESPINOSA

Durante toda sua carreira, Hegel citou, comentou e criticou Espinosa. Uma de suas críticas ao filósofo holandês é a de que o método geométrico, usado por Espinosa na construção de sua filosofia, é inadequado para uma atividade filosófica verdadeiramente antidogmática. Hegel realiza essa crítica ao método geométrico espinosano para compará-lo ao seu método dialético de raciocínio. O método dialético permitiria com que o conhecimento filosófico construído a partir dele encontrasse sua justificativa em seu próprio desenvolvimento, ao contrário do método geométrico que, segundo Hegel, precisaria de um princípio arbitrário para sua aplicação. Contudo, o francês Pierre Macherey, em seu livro "Hegel or Spinoza", oferece uma tréplica a Hegel a partir de uma similaridade na forma como ele e Espinosa utilizam seus respectivos métodos.

Palavras-chave: Hegel; Espinosa; Método; Modernidade; Macherey.

GUILHERME ALEXANDRE MARTINS AMARAL (UNESP)

Orientação: Pedro Geraldo Aparecido Novelli

E-mail: guilherme.alexandre@unesp.br

NO LIMIAR DA CONSCIÊNCIA E DO MUNDO SENSÍVEL À CONSCIÊNCIA-DE-SI E AO MUNDO SUPRA-SENSÍVEL: UMA ANÁLISE DA FORÇA E ENTENDIMENTO; FENÔMENO E MUNDO SUPRA-SENSÍVEL, NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Objetivamos, com nossa apresentação, expor um momento particular dentro do desenvolvimento total de nossa pesquisa. Nossa apresentação será pautada na exposição do capítulo Força e Entendimento, Fenômeno e mundo supra-sensível, da Fenomenologia do Espírito, de Hegel (1770-1831). Neste capítulo, buscaremos expor um conjunto de conceitos importantes ao desenvolvimento do respectivo capítulo, tais como: universal incondicionado; força; ser-para-si; ser-para-outro; contradição; interior; entendimento; fenômeno; dialética. Tais conceitos compõem o núcleo sólido deste capítulo, que encerra a consciência e abre as portas para a consciência-de-si. Buscaremos, igualmente, relacionar o respectivo capítulo com o precedente, a percepção ou: a coisa e a ilusão. Realizadas tais considerações, objetivamos exprimir a importância que tal capítulo possui no desenvolvimento da Fenomenologia do Espírito.

Palavras-chave: Hegel; Contradição; Força; Fenomenologia do Espírito; Consciência.

LARISSA GABRIELE SOARES DA SILVA (UFSCAR)

Orientação: Paulo Roberto Licht dos Santos

Financiamento: FAPESP

E-mail: larissagabrielesoares@gmail.com

A COGITABILIDADE E O PROBLEMA DA COISA EM SI

A Crítica da Razão Pura faz uma distinção entre o cogitável e o cognoscível e, ainda que o cogitável seja um conceito sem conteúdo, ele tem importância para problemas da Crítica, em particular, para entender a própria discussão polêmica entre fenômeno e coisa em si. Pretendemos mostrar, nesta apresentação, que sem a especificação da cogitabilidade o problema da coisa em si não pode ser pensado de maneira consistente, isto é, qualquer passo para resolvê-lo pressupõe a cogitabilidade. Para tanto, nossa comunicação passará por quatro etapas: 1. distinção entre o cognoscível e o cogitável; 2. a coisa em si enquanto correlação semântica; 3. a coisa em si enquanto causalidade; 4. a necessidade da cogitabilidade para pensar qualquer resolução. Em suma, trataremos da cogitabilidade e sua importância para problemas debatidos na história da filosofia, em especial o problema da coisa em si.

Palavras-chave: Kant; fenômeno; coisa em si; cogitabilidade; cognoscibilidade.

14/04/2021

MESA 15 – Filosofia Contemporânea II (10:00 - 12:00)

sala: <https://meet.google.com/sps-zosq-syv>

Coordenador: Danilo Miranda Rodrigues

BRUNA ABAD SANTOS (USP)

Orientação: Maria Lúcia Cacciola

Financiamento: CNPq

E-mail: bruna.abad@usp.br

A SATISFAÇÃO ESTÉTICA NA FILOSOFIA DA ARTE DE SCHOPENHAUER

O objetivo desta comunicação é investigar os fundamentos da satisfação estética schopenhauriana. Para tanto, a partir do parágrafo 37 do terceiro livro da obra magna de Arthur Schopenhauer "O mundo como vontade e como representação – Tomo I", analisaremos o caminho argumentativo construído pelo filósofo. Em primeiro lugar, (I) tomaremos a afirmação do gênio como capacidade de conhecimento. Em segundo lugar, (II) partiremos da concessão à essa afirmação: mesmo que o sujeito genial seja um diferente modo de conhecimento, a saber, o puro sujeito do conhecimento, todos os outros indivíduos precisam possuir em maiores e menores graus essa capacidade. Em terceiro lugar, (III) justificaremos o porquê desta última afirmação. Para, enfim, dilucidar a satisfação estética como consequência da clarividência da Ideia, assim como consequência de olhar o mundo pelos olhos do artista.

Palavras-chave: Conhecimento; Ideia; Gênio.

TOBIAS RAMOS RUMIN (USP)

Orientação: Eduardo Brandão

Financiamento: CNPq

E-mail: tobias_ramos_rumin@usp.br

O ESPÍRITO GREGO EM NIETZSCHE: A CRÍTICA VITALISTA

A filosofia de Nietzsche norteia-se pela articulação de elementos gregos. Em nostalgia para com o passado grego e em discrepância com a modernidade ocidental, Nietzsche constrói uma filosofia radicalmente oposta à que observa na história pós-Socrática, uma filosofia vitalista. Objetivamos explorar sua relação com o helenismo e a sua concepção de espírito grego a fim de destacar a influência de tais conceitos na construção de uma filosofia vitalista. Para tal, pautamo-nos na análise de suas obras de juventude somada às considerações de autores extemporâneos à Nietzsche. Analisamos os aspectos-chaves do vitalismo nietzscheano em paralelo ao helenismo a fim de explicitar seus fundamentos, o modo que se articulam e se desenvolvem nas obras nietzschianas. Por fim, visamos evidenciar o modo pelo qual a leitura vitalista nietzscheana da antiguidade grega possui e articula o espírito grego.

Palavras-chave: Espírito Grego; Helenismo; Vitalismo; Dionisíaco; Tragédia.

MESA 16 – Filosofia Francesa (10:00 - 12:00)

sala :

Coordenador: Alvaro Itie Febronio Nonaka

DAILA ATAÍDE DOS SANTOS (UFBA)

Orientação: Vinícius dos Santos

E-mail: dailaataide@gmail.com

A MÁ-FÉ NA ONTOLOGIA SARTREANA

“A existência precede a essência”, máxima do existencialismo de Sartre, revela que o homem nasce sem uma essência a priori e só lhe é garantida a sua liberdade, a qual é promoção e manutenção de toda a sua existência no mundo. A liberdade é o que o homem vem a ser a cada momento. O homem escolhe a partir da indeterminação, ele torna-se e ele faz o que ele deseja ser. Contudo é preciso ter claramente em sua consciência que se os atos do homem, todo e qualquer um – são livres, isto significa que escolher por tomar uma ação é o mesmo que tornar-me responsável por esta ação. Sem um deus; ou qualquer outra possibilidade de um determinismo, o homem precisa assumir a responsabilidade. Isso significa que o homem é responsável por toda a humanidade. Nesta oportunidade, pretende-se enfocar o conceito da má-fé para compreender suas possibilidades ontológicas e seus desdobramentos morais.

Palavras-chave: Má-Fé; Ontologia; Liberdade.

MARIA LUIZA LIMA SEABRA (USP)

Orientação: Tessa Moura Lacerda

E-mail: maluseab@gmail.com

DO FUNDAMENTO AO SEM FUNDO: A INVERSÃO DO PRINCÍPIO DE RAZÃO SUFICIENTE EM "DIFERENÇA E REPETIÇÃO" DE GILLES DELEUZE

Em *Diferença e Repetição* Gilles Deleuze expõe os princípios de uma filosofia da diferença, que tem como primeira tarefa a “reversão do platonismo”. Essa reversão se realiza através da crítica radical da noção de fundamento na filosofia. O fundamento platônico é concebido como uma prova ou crivo que distribui a legitimidade entre os pretendentes. O princípio de razão suficiente, enquanto “fundamento que seleciona” o melhor dos mundos. A crítica de Deleuze consiste em demonstrar que o princípio de razão trabalhou até então a favor do primado da identidade e da exclusão das diferenças. No entanto, inverte o papel da razão suficiente. Não mais subordinado ao princípio de identidade, o ato de fundar ganha um novo sentido, orientando-se para o sem-fundo, isto é, o a-fundamento universal em que culmina a filosofia da diferença, “o ponto em que a origem radical se reverte em ausência de origem”.

Palavras-chave: Deleuze; Leibniz; Princípio de Razão Suficiente; Filosofia da diferença; Fundamento.

SAMUEL HERRERA BORDALO (USP)

Orientação: Alex de Campos Moura

E-mail: samuelbordalo@usp.br

A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO EM PARALAXE: MERLEAU-PONTY E A NEGATIVIDADE LACUNAR DA LÓGICA PARALÁCTICA

Maurice Merleau-Ponty era muito atento à ciência de seu tempo. Até mesmo por isso, ele criticou as ciências por deixarem de fora do saber o indeterminado, a subjetividade, a consciência, etc. Para o autor, uma fenomenologia se faz atenta à aparição do ser para a consciência, o que não exclui a ciência, mas a redimensiona na vida da qual nasce. Tendo em vista isso, recorreremos a uma descrição científica contemporânea, a da paralaxe, para investigarmos as formas de negatividade na Fenomenologia da Percepção. Pois nossa hipótese é que estas são partes inerentes de suas críticas às ciências e às filosofias. Nesse sentido, lacunas e contradições são lógicas imanentes dos fenômenos – e o rechaço delas traria prejuízos ao mundo. Em nossa exposição, pretendemos mostrar alguns casos e os sentidos de lógicas “paraláticas” na obra de Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Fenomenologia; Merleau-Ponty; Negatividade; Paralaxe; Dialética.

**MESA 17 – Filosofia Política (10:00 - 12:00)
sala:**

Coordenador: Carolina Bernardini Antoniazzi

FELIPE DA SILVA LOPES (UEPA)

Orientação: Marcos Murelle

Financiamento: FADESP

E-mail: felipe.lopes@aluno.uepa.br

O ESGOTAMENTO COMO PARADIGMA CIRCUNDANTE DA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI SOB A PERSPECTIVA DE BYUNG-CHUL HAN.

A era digital oriunda da globalização leva os indivíduos a experienciar o tempo de forma veloz, seja no modo de se relacionar com o outro, na alta velocidade das informações e no trabalho. É nesta velocidade da sociedade atual que o novo paradigma se impõe: o esgotamento. A sociedade não é mais coercitiva, agora é permissiva, propõe ao sujeito a positividade do "yes, I can", assim é livre para buscar seus objetivos. O que está por trás desse novo imperativo é uma liberdade disfarçada de exploração, o sujeito é explorador e explorado. O sujeito de desempenho, explica Han, é o exemplo da sociedade do cansaço, pois o indivíduo agora é responsável pelos seus resultados e, portanto, é necessário produzir: deve-se consumir mais para produzir mais. Habita no inconsciente do indivíduo uma pretensa liberdade que submete o indivíduo a longas horas de trabalho, pois toda hora é hora de produzir.

Palavras-chave: Esgotamento; Desempenho; Consumo; Byung-Chul Han; Cansaço.

ISABEL DE ALMEIDA BRAND (USP)

Orientação: Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros

Financiamento: CNPq

E-mail: isabelbrand@usp.br

NOTAS SOBRE A CRÍTICA DE STUART MILL AO CRISTIANISMO EM ON LIBERTY

Em *On Liberty*, Mill observa que é a partir dos gostos e desgostos de uma sociedade, ou da parte mais poderosa dela, que são determinadas as regras gerais a serem observadas. Na maior parte dos casos, não se investiga qual foi o estado de coisas que levou a adoção desses gostos e desgostos por mais que haja conflito, em alguns de seus detalhes, com o sentimento da humanidade. Nesse sentido, o filósofo britânico toma o exemplo da crença religiosa para ilustrar em diversos aspectos a falibilidade do senso moral. Essa comunicação reflete sobre as considerações de Mill acerca da tradição cristã tendo em vista a tirania de opinião e de sentimentos dominantes na Inglaterra do século XIX. Essas considerações se configuraram em uma crítica contra a tendência da sociedade de impor regras de conduta e de cultivar um indivíduo passivo e obediente como modelo de excelência humana.

Palavras-chave: Liberdade; Stuart Mill; Tirania; Tradição.

JHONATAN RELHER (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

Financiamento: PIDAC-Af/UFSJ

E-mail: jhonatan.relher@gmail.com

A FIGURA DE EICHMANN E A FACULDADE DO PENSAR EM HANNAH ARENDT

Em sua obra *Eichmann em Jerusalém* (1999), Hannah Arendt analisa o julgamento de Adolf Eichmann - um ex-oficial do regime nazista responsável pela deportação dos judeus europeus durante o Holocausto, que, por sua vez, se tornou um perito na questão judaica. Durante o seu julgamento, a autora destaca sua incapacidade de fugir dos clichês burocráticos e sua conspícua superficialidade em condutas convencionais e padronizadas. Diante dessa figura, Arendt se espanta (*thaumazein*) com a ausência de pensamento nele existente - a falta de parar para pensar. Esse espanto levou Arendt a questionar se teria sido a ausência de pensamento uma das condições capazes de levar o homem a fazer o mal. Nessa perspectiva, este trabalho busca analisar a relação conflitante entre o mal que se torna banal, expresso na figura de Eichmann, e a faculdade humana de pensar, no sentido de se evitar catástrofes.

Palavras-chave: Banalidade; Holocausto; Julgamento; Mal; Pensamento.

LEONARDO LUIZ MARTINS (UFSJ)

Orientação: José Luiz De Oliveira

Financiamento: CAPES

E-mail: leonardomartins38@gmail.com

A ORIGEM DO RACISMO NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT

O presente trabalho tem a intenção de discorrer sobre o uso da ideologia racial como arma política e sua força persuasiva de dominação do homem moderno no início do século XX em Hannah Arendt. Para tanto, explicitaremos de que maneira essa dominação foi amplamente propagada pelo nazismo em sua campanha de afirmação com o intuito de conquistar mais simpatizantes, de modo a garantir a manutenção da sua hegemonia e da posição de privilégio que ocupava na sociedade. Nessa perspectiva, buscar-se-á abordar de que forma o nazismo chegou ao ponto de difundir suas ideias nas relações sociais, sobretudo no controle exercido nas massas, e quais elementos foram usados para que essa ideologia racial chegasse a dominar o espírito do homem, de maneira que o racismo continue presente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ideologia; Nazismo; Racismo.